



CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA EM ALUNOS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO A PARTIR DO ESTUDO DE OBRAS DE ESCRITORES AFRICANOS

CLARISSA ALVES COSTA

1. Contextualização

O projeto “Construção da identidade negra em alunos da rede pública de ensino a partir do estudo de obras de escritores africanos” se revela pertinente pelo fato de se propor a desenvolver pesquisas na área dos Estudos Culturais de um tema pouco estudado, como é o caso da cultura africana por meio da literatura, até a oficialização de seu estudo em documentos oficiais da educação (PCN’s, LDB) e olhado de maneira marginalizada pelos estudos da cultura eurocêntrica considerada permitida, única e canônica.

Com a determinação das leis 10.639/03 e 11.645/08, o estudo da cultura africana e indígena e sua contribuição para a formação da cultura brasileira, e bem antes, dos PCN’s (1997) apresentam como objetivos conhecer e valorizar a pluralidade sociocultural do Brasil e de outros povos, tornando-se necessário o trabalho em sala de aula sobre a cultura e história afro-brasileiras, cultura essa que abrange um número bastante considerável de alunos afrodescendentes do ensino básico (AQUINO, 2006) estreitando possibilidades de convergências entre aspectos africanos e brasileiros (EVARISTO, 2015) e sistematizando metodológica e curricularmente o estudo desse assunto por parte da equipe docente.



Nesse sentido, é necessário ressaltar que a sala de aula é um dos espaços em que situações de determinados assuntos podem ser discutidos e refletidos, cabendo aos estudos de culturas, responsáveis por influenciar e contribuir para a construção da nossa cultura, a responsabilidade da construção de identidade cultural dos alunos.

Expomos, a seguir, os pressupostos teóricos, que se subdividem em quatro tópicos: a) Os estudos culturais, b) a identidade e a literatura, e c) a sala de aula e a construção identitária.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 *Os estudos culturais*

Os estudos culturais possibilitaram, dentre outras aberturas com relação ao estudo analítico dos textos literários, o envolvimento crítico de vários aspectos, dentre os quais podemos frisar os aspectos sociais, históricas e culturais. A partir do envolvimento desses aspectos, a compreensão de que a literatura se caracteriza pela pluralidade de sentidos fez com que o texto literário passasse a ser configurado diferentemente; esse objeto passa a ser encarado a partir de diferentes enfoques e perspectivas teóricas (SAMUEL, 1985).

Os conhecimentos assimilados de outras áreas como a Sociologia, a Filosofia, a História, a Antropologia enriqueceram e ampliaram as possibilidades de ver os textos literários. Antes da década de 1960, por exemplo, não se ouvia falar em questões de gênero na literatura, mas com o reflexo do movimento feminista, desenvolveu-se todo um processo histórico-literário que permitiu estudar questões sócio-históricas relacionadas à mulher e ao negro.

Essas ideias permitiram estabelecer uma relação bastante produtiva entre os estudos de gênero e a literatura.

Essas conquistas históricas e culturais fizeram com que o negro se tornasse objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento e, de modo particular, na literatura.

Esse processo de inserção e visibilidade do negro e sua cultura na literatura, mais especificamente com foco na autoria africana, fez surgir novos estudos sobre esse olhar.

Na tradição literária, era comum o homem branco ditar as “verdades” sobre o negro, e, por meio desta proposta de pesquisa, teremos a oportunidade de investigar como o negro representa suas “verdades” em relação ao negro.

Conforme podemos observar, essas verdades estão associadas às relações de poder estabelecidas na sociedade. As diversas faces do poder passam a significar nos



textos marcando diferentes formações discursivas e ideológicas, ao ponto de ser preciso procurar meios para “controlar” ou mesmo “interditar” determinados discursos. Essa relação entre as ideologias “sociais” e o texto literário configura-se como a constituição de uma possível compreensão do estudo literário (EAGLETON, 2003).

2.2 A identidade e literatura

Estudar a literatura é compreendê-la enquanto formação dos aspectos (culturais, sociais, históricos) a ela relacionados e estes aspectos vêm carregados de juízos de valor ou vontades de verdade não passivas e em constante movimento; esse movimento acarreta novas formas de se conceber as questões identitárias.

Segundo Hall (2006), mediante o fenômeno da pós-modernidade, a identidade não pode mais ser vista como um construto “fechado em si mesmo”, tendo em vista que se apresenta como algo fragmentado e “descentrado” que “desloca” o sujeito para diferentes posições sociais. Para o autor, o sujeito pós-moderno distingue-se do sujeito do iluminismo e do sujeito sociológico, próprios dos períodos que antecederam a pós-modernidade.

Tais distinções resultaram no “descentramento” da identidade, fazendo com que cada sujeito construa para si identidades que são continuamente deslocadas, “contraditórias, empurrando em diferentes direções” (HALL, 2006, p. 13). O mundo moderno está vivendo a cada dia que passa um processo de transição que requer novos conhecimentos, novas formas de perceber e agir socialmente.

Isso acaba contribuindo para a denominada “crise” de identidade que envolve as mais diferentes instituições sociais como a família, a igreja, a escola, fazendo com que cada vez mais os sujeitos se sintam inseguros e instáveis frente a determinadas crenças, atitudes e valores. Nas palavras do autor, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2006, p. 7).

Essa representatividade das instituições é também discutida por Bauman (2005) que vem mostrar essa mudança na “fluidez/liquidez da pós-modernidade como um fator determinante para o desencadeamento da diversidade cultural que permite os sujeitos se identificarem com múltiplas identidades, sejam elas desejadas, impostas ou negociadas, construídas e desconstruídas ao longo da existência humana.

Esse pensamento faz com que se retome o conceito de identidade como uma construção sócio-discursiva associada a uma memória que se materializa nas práticas



sociais, formando diversas identidades culturais em processo constante de transformação no curso da história. Compreender as identidades como móveis, fragmentadas e transformadas a partir de diferentes práticas e posições sociais marcadas nos diversos discursos, é uma forma de aceitar que “as identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter” (BAUMAN, 2005, p.96).

Diante do processo de representação simbólica, os sujeitos passam a ocupar “seus” diferentes “lugares identitários” na diferença com o outro a partir da linguagem. Silva (2000, p. 79) aponta que as identidades “não podem ser compreendidas [...] fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentidos. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem”.

Unida à noção de identidade e toda sua ligação a estruturas narrativas e discursivas está a noção de cultura, que leva em consideração a questão de raça/etnia, e é compreendida como um processo dinâmico relacionado à pluralidade e à heterogeneidade dos diferentes povos, em permanente desconstrução e reconstrução (LARAIA, 2004, p. 71).

A esse conceito de desconstrução e reconstrução de um povo está o que Chabal (1994) defende como primeiro passo para a identificação do desenvolvimento de uma literatura nacional. Segundo ele, o entendimento de um processo de produção literária está intimamente ligado às características da cultura de um país e do que almeja a população com relação às políticas de nacionalismo deste local.

2.3 A sala de aula e a construção identitária

A sala de aula é um espaço do processo de ensino aprendizagem muitas vezes desconsiderado em estudos, no entanto, apresenta uma importância relevante no que diz respeito ao processo de construção da reflexão, da crítica e da identidade do aluno. Tardif (2005) relaciona o espaço de sala de aula como um ambiente em que a prática do trabalho docente se organiza e, historicamente, se estrutura a partir de modelos organizadores da sociedade. Tardif ainda acentua que o docente tem uma dupla e aparentemente contraditória função: a de manter a ordem através da vigilância, advertência, punição, intervenção, e a de renovar o ensino, a partir da introdução de perspectivas metodológicas inovadoras e recentes que primem pela reflexão crítica e identitária do aluno.

Aliadas a essas idéias, e partindo da idéia de que nem sempre na sala de aula é possível se prever o ensino pretendido pelo docente, Garcez (2006) considera, a partir



de estudos realizados em salas de aulas de escolas públicas, que quando a sala de aula é encarada pelo aluno enquanto espaço de interação comunitária para a construção conjunta de conhecimento e formação da reflexão crítica e não um espaço de legitimação de controle social, a aprendizagem é muito mais significativa para o aluno (GARCEZ, op. cit., p. 78).

Vygotsky (1996) acrescenta ainda, a partir de uma visão sócio-cultural de aprendizagem, que a sala de aula deve ser vista como um espaço socializador, e que cabe ao aluno o papel do participante ativo na construção do conhecimento que deve ter suas construções históricas e sociais reconhecidas e valorizadas no contexto de sala de aula e assim, o aprendizado se realizaria sob o olhar de um determinado grupo cultural a partir da interação com outros indivíduos.

Nesse sentido, o estudo de culturas não apenas consagradas, mas das culturas consideradas de massa, que estão às margens, insere-se nesse contexto de sala de aula enquanto espaço interativo para a reflexão. Nessa perspectiva, a sala de aula deixa de ser impositiva em relação à seleção de conteúdos restritamente canônicos, e passa a ser um lugar de abertura de possibilidades de olhares sobre um determinado conteúdo, olhares das mais variadas direções e sentidos (SILVEIRA, 2005).

3.OBJETIVOS

O objetivo de nosso estudo é:

➤ Objetivo geral:

Investigar os discursos que constituem a identidade do negro em alunos de escolas da rede pública de ensino a partir de obras de escritores africanos em salas de aula;

➤ Objetivos específicos:

- a) Investigar os discursos que constituem a identidade do negro nas obras dos escritores africanos selecionados para o estudo.
- b) Sistematizar práticas metodológicas que reflitam sobre a construção identitária negra;

4 .METODOLOGIA

4.1 *Natureza da pesquisa*



Quanto à natureza dos dados e procedimentos de análise, o presente estudo está inserido no paradigma qualitativo da ciência, tendo em vista que lida com a análise de termos e sua interligação com conceitos e por levar em consideração o sujeito, a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade que permeiam o fenômeno a ser investigado. Além disso, “explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser descritos numericamente” (MOREIRA E CALEFFE, 2008, p. 73).

A pesquisa qualitativa caracteriza-se como um processo de descrição no qual os pormenores são extremamente relevantes, por isso ao longo deste estudo não apenas a regularidade, mas também a singularidade se configurará como um dado relevante.

Segundo os objetivos, essa pesquisa é do tipo descritivo- interpretativa, pois busca descrever uma situação social, a saber: a prática social de salas de aula nas quais se materializam discursos que marcam a identidade do sujeito negro.

Em relação às fontes de informação e coleta dos dados, a presente pesquisa é classificada num, primeiro momento como documental, a partir da concepção de documento como “uma informação organizada sistematicamente, comunicada de diferentes maneiras (oral, escrita, visual ou gestualmente) e registrada em material durável” (GONÇALVES, 2003, p. 32). Nesse sentido, toma como *corpus* os textos literários que trazem em sua materialidade discursos relacionados à construção da identidade do negro e o papel exercido por esse sujeito na sociedade, tomando como referência a cultura na qual está inserida, a relação de poder e hegemonia em vigor na sociedade

Num segundo momento, a pesquisa, pode ser considerada como uma pesquisa-ação, considerando a relação de cooperação entre a pesquisadora e os sujeitos.

Estudiosos desse tipo de pesquisa têm demonstrado que a pesquisa-ação vem sendo encarada como uma pesquisa colaborativa, na qual a relação pesquisador/sujeitos pesquisados acontece por meio de trocas de saberes de forma mútua e harmoniosa (MCNIFF, 1988, *apud* SILVA, 2006; PIMENTA, 2006; TARDIF, 2002). Pimenta (2006) traça, por meio de duas experiências coordenadas junto à equipe da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP) e de escolas públicas, o processo de reconfiguração do sentido da pesquisa-ação enquanto pesquisa crítico – colaborativa, discutindo seu potencial de impacto na formação e na atuação docente.

4.2 Local da pesquisa



A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assis Chateaubriand está localizada na zona Leste de Campina Grande-PB, no bairro de Santo Antônio, que fica bem próximo a outros bairros, a pequenas cidades circunvizinhas e ao Centro da cidade, o que facilita seu acesso. Atualmente, conta com 1600 (mil e seiscentos) alunos regularmente matriculados, desenvolve atividades pedagógicas nos três turnos, para os quais oferece o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio Regular e, para o turno da noite exclusivamente, a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Tendo em vista as particularidades e as diversidades da comunidade escolar, a EEEFM Assis Chateaubriand volta-se para a promoção do domínio do conhecimento historicamente construído, atualizado e inovador, numa concepção sociocultural, preparando, portanto, o aluno para o mercado de trabalho e para a vida.

4.3 Os sujeitos da pesquisa

O corpo de alunos da escola é proveniente da Zona Leste de bairros como Monte Castelo, Santo Antônio, Bairro do Glória e do próprio bairro de José Pinheiro, um dos bairros mais antigos da cidade de Campina Grande, situado na Zona Leste da cidade ocupa um dos níveis mais baixos do sítio urbano. Pela localização da escola, a maioria dos alunos provém de cidades circunvizinhas ou bairros mais afastados da cidade, muitas vezes, marginalizados pela condição socioeconômica do público morador. Com isso, os alunos são, muitas vezes, alvo de alguns tipos de preconceitos, seja pela condição econômica, intelectual, de gênero, e, sobretudo, racial.

Os alunos selecionados para o projeto são alunos do sétimo ano, uma das séries iniciais do ensino fundamental, por esta ser uma série, em que as expressões de opiniões sejam mais espontâneas, e num processo de construção com menos interferências do que séries mais avançadas.

6. BIBLIOGRAFIA

AQUINO, M.A. **A ciência em ação: o museu virtual de imagens da cultura africana e afrodescendente**. Inclusão Social, Brasília, v. 2, n. 1, p.18-29, out. 2006/mar. 2007

BAUMAN, Z. **Identidade. Entrevista a Benedito Vecchi**. Trad. bras. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.



BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: uma introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CORACINI, Maria José R. Faria. **Concepções de leitura na pós-modernidade.** In.: **Leituras: múltiplos olhares.** LIMA, Regina Célia de Carvalho Paschoal (org.). Campinas, SP: Mercado de Letras; São João da Boa Vista, SP: Unifeb, 2005, pp.15-44.

COUTO, Mia. **Estórias abensonhadas.** 1a ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **O fio das missangas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. **Estudos culturais, educação e pedagogia.** Revista Brasileira de Educação [online]. 2003, n. 23, pp. 36-61. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf>>.

DESLAURIERS, J; KÉRISIT. **O delineamento de pesquisa qualitativa.** In: POUPART et all. **A pesquisa qualitativa.** Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p.127-151.

EAGLETON, Terry. **Introdução: O que é Literatura?** In: **Teoria da Literatura: uma introdução.** Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências da afrobrasilidade: História e Memória.** Disponível em <nossaescrevivencia.blogspot.com>; acesso em 12 de Agosto de 2015.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literatura Africana de autoria feminina.** Belo Horizonte: SCRIPTA, v. 8, n. 15, 2004, p. 283-296.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. **Noemia de Sousa: poesia combate em Moçambique.** Cadernos Imbondeiro. João Pessoa: Editora da UFPB, v.1, n.1, 2010, p 89-107.



vento, de Paulina Chiziane. Tese (Doutorado em Letras). João Pessoa, UFPB, 2012, 171p.

GARCEZ, Pedro M. **A organização da fala em interação na sala de aula: o controle social, reprodução de conhecimento, construção conjunta de conhecimento.** Calidoscópio: Unisinos, 2006, pp. 66-80.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INDURSKY, F. A fragmentação do sujeito em Análise do discurso. In: CAMPOS, M; INDURSKY, F. **Discurso, memória, identidade.** Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000, p.71-81.

LARAIA, R. B. **Cultura um conceito antropológico.** 17 ed. Rio de Janeiro:Zahar Editora, 2004.

MOREIRA, H; CALEFFE, L.G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador.** 2 ed.Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

SAMUEL, R. A crítica. In: (Org.). SAMUEL, R. **Manual de teoria literária.** Petrópolis: Vozes, 1985, p. 90- 128.

SILVEIRA, R.M.H. (Org.). **Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais da educação.** Canoas: Editora ULBRA, 2005. (p. 15-38 / p. 107-120 / p. 123-144 / p. 197-210 / p. 213-225).

SOMÉ, Sobonfu.**O espírito da intimidade:ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos.**[Tradução Deborah Weinberg] 2. Ed. –São Paulo:Odysseus Editora,2007.

SOUSA, Noêmia. **Sangue Negro.** Maputo: AEMO, 1988.

TARDIF, Maurice. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.



VIENLIJE

literatura e outras artes, reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

VYGOTSKY, L.S. .A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.